

ENTRE ALFABETIZADORES E LINGÜISTAS - ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE FEIRA NOVA/SE

Lucas Pazoline da Silva Ferreira, (UFS/ lucaspazoline@live.com) i

Elynnne Gabrielle Moreira (UFS /lynne_gabi@hotmail.com) ii

Caio César Costa Santos (UFS/caio-costa@live.com) iii

Resumo

Segundo o IBGE (2009), o Nordeste possui o maior índice de analfabetismo no Brasil. Essa realidade, de modo geral, está sendo solucionada tendo em vista à quantidade de alunos matriculados em programas de inclusão social. O trabalho desenvolvido neste artigo propõe uma discussão deste fato fazendo um recorte em relação ao grau de conhecimento em práticas pedagógicas voltadas a Alfabetização de Jovens e Adultos(AJA). Com auxílio de teorias que suportam tal temática, como os estudos de Luis Cagliari, Regina Zilberman, Anny Cordié, entre outros, foram analisados questionários respondidos pelos docentes que participaram do programa Sergipe Alfabetizado no município de Feira Nova/SE. Comprovou-se que a falta de professores graduados e especializados, o que também pressupõe um profundo conhecimento em Linguística, impossibilita um melhor rendimento discente.

Palavras-chave: Alfabetização, Práticas Pedagógicas, Linguística

Abstract

According to IBGE (2009), the Northeast has the highest illiteracy rate in Brazil. This reality, in general, is being addressed with a view to the number of students enrolled in programs of social inclusion. The work in this article proposes a discussion of this fact by making an indentation in the degree of knowledge in teaching practices aimed at Youth and Adult Literacy (YAL). With the help of theories that support this theme, as studies of Luis Cagliari, Regina Zilberman, Anny Cordier, among others, were analyzed questionnaires completed by teachers who participated in the program Sergipe Literate in Feira Nova / SE. It was shown that the lack of skilled graduates and teachers, which also requires a deep knowledge of linguistics, prevents a better income students.

Keywords: Literacy, Educational Practices, Linguistics

1 INTRODUÇÃO

Tratando do analfabetismo entre jovens e adultos, fazendo um recorte em relação ao grau de conhecimento em práticas pedagógicas voltadas para Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), este trabalho discutirá como a falta de conhecimentos em prática pedagógicas referentes à atividade docente/alfabetizadora interfere num melhor desenvolvimento dos alunos, principalmente os matriculados em programas de políticas públicas afirmativas. Para isso, será analisado o conhecimento sobre Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA) de docentes que, no período de junho a dezembro de 2009, exerceram atividades no programa Sergipe Alfabetizado do município sergipano de Feira Nova.

De maneira geral, esse artigo se dividirá em duas seções principais. A primeira se volta para a fundamentação teórica que embasa as análises aqui desenvolvidas. Nela, serão feitas pontes entre as teorias que mais interessam ao trabalho aqui discutido, porém outras leituras surgirão ao longo das análises. Na segunda, a partir de dados apresentados conscientemente ou não pelos próprios professores de AJA, trar-se-ão questões relacionadas ao conhecimento docente em práticas pedagógicas e lingüísticas detalhadas.

2 COMPARANDO ESTUDOS EM ALFABETIZAÇÃO

Para iniciar este estudo na perspectiva da Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), deve-se ter uma noção inicial sobre as relações de poder entre linguagem e escrita. Com isso, a partir das premissas de Gnerre (1998) em seu livro *Linguagem, Escrita e Poder*, pode-se pensar que a linguagem se apresenta enquanto excludente quando se refere aos indivíduos sem instrução escolar ou sem acesso aos meios de comunicação, em que a inclusão dessas pessoas, como afirma o estudioso, só ocorre quando as mesmas possuem um aparato de conhecimentos sócio-políticos ou uma adequação léxico-gramatical à mensagem.

As crenças sobre os efeitos da alfabetização no desenvolvimento do Estado nos mostram que existe uma desvalorização das formas paralelas de comunicação e dos grupos de culturas orais. Uma solução para essa depreciação seria uma maior interação social no processo de alfabetização visando à criação de uma metodologia de ensino de melhor captação para o alfabetizando, relacionando exclusivamente conhecimentos de leitura e escrita.

Assim como Gnerre, Regina Zilberman nos dá uma visão de como a escrita se relaciona com o poder. Para a doutora em Linguística, a escrita assumiu um caráter distintivo, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever (ou de desenhar os sinais

equivalentes a palavras inteiras, sílabas ou fonemas) destaque na sociedade (ZILBERMAN, 1998. p 11).

Outra noção que aqui é imprescindível refletir está relacionada ao conhecimento de práticas pedagógicas voltadas ao ensino da AJA, principalmente no tocante à importância dos conhecimentos lingüísticos para o alfabetizar. Poersch (1986), em seu artigo *Pode-se alfabetizar sem os conhecimentos lingüísticos?*, e Cagliari (2005), em seu livro *Alfabetização & Lingüística*, vêm reforçar a ideia de que o professor alfabetizador precisa do conhecimento em lingüística para facilitar seu trabalho e, no caso do Sergipe Alfabetizado, atender com maior eficiência aos objetivos da AJA. Para Poersch

A formação lingüística do alfabetizador deve incluir conhecimentos que abranjam: o estatuto da comunicação lingüística (estrutura e funcionamento da linguagem), o perfil da língua base (Descrição da língua na qual a alfabetização será implementada), o quadro contrastivo do código oral *versus* código escrito, os aspectos psico-sócio-pedagógicos da linguagem (implicações da realidade psicolingüística e da realidade sócio-lingüística no ensino) e a lingüística aplicada ao ensino de línguas. (POERSCH 1986. p 13)

Que seria essa lingüística para o alfabetizador? Apenas um conhecimento a mais para sua formação e não para ser transmitido (POERSCH, 1986. p 11). Reforçando esse pensamento de ensino de língua materna, também se referindo à alfabetização, Luis Carlos Cagliari nos mostra que:

O objetivo mais geral do ensino de português para todas as séries da escola é mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o português; quais os usos que tem, e como os alunos devem fazer para estenderem ao máximo, ou abrangendo metas específicas, esses usos nas suas modalidades escrita e oral, em diferentes situações. Em outras palavras, o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de suas vidas. (CAGLIARI, 2005, p 28)

Sob essa perspectiva, seriam o jovem e adulto em processo de alfabetização capazes de compreender e utilizar com maior precisão que a criança seu universo lingüístico, principalmente oral, já que *em muitos casos, há ainda o interesse em aprender uma variedade do português de maior prestígio* (CAGLIARI, 2005, p. 29). Por conseguinte, a avaliação, no tocante à língua portuguesa, procederia pelo viés da Lingüística, pois *sem uma base lingüística verdadeira, as pessoas envolvidas em questões de ensino de português acabam ou*

acatando velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explícita ou implicitamente em concepções inadequadas de linguagem (CAGLIARI, 2005, p 33-34).

Uma noção seguinte ainda no âmbito da leitura e escrita é a ressaltada nos trabalhos de Koch, Zilberman, Kato e Magda Soares, em que as autoras retratam inter-relações entre leitura, escrita e sociedade.

Em *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*, Ingedore G. Villaça Koch nos mostra que em nossa sociedade, vivenciam-se a leitura e escrita, às vezes, de forma inconsciente, pois se prendem ao tratamento puramente didático-estruturalista^{iv} em que tais práticas estão alocadas, então, nesse caso, a restrição se dá pelo fato de se pensar que ler e escrever são “solicitações” com fim institucional, escolar. Para a autora:

[...] a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc.,etc.). (KOCH, 2010 – p 31)

É importante lembrar que, assim como as crianças em fase de alfabetização, não se compreenda os jovens e adultos como vazios a serem preenchidos com conhecimentos, pois os mesmos trazem memórias de experiências de práticas sociais, ou seja, uma leitura de mundo^v, e, a partir disso, é afirmado que:

a memória deixa de ser vista como um auxiliar do conhecimento, passando a ser considerada parte integrante dele, ou mesmo como a forma de todo o conhecimento: o conhecimento nada mais é que estruturas estabilizadas na memória de longo prazo, que são utilizadas para o reconhecimento, a compreensão de situações – e de textos –, a ação e a interação social. (KOCH 2010. p 37)

Sendo assim, é intrínseco à atividade da escrita o conhecimento que o escritor deve ter do sistema lingüístico no qual ele se insere necessariamente no que diz respeito à ortografia, gramática e ao léxico não só no âmbito escolar, mas em toda e qualquer prática sócio-comunicativa. Essa prática ou conjunto de relações sociais que ficam armazenados na memória e que servem para a obtenção de conhecimento a partir da leitura Koch vai chamar de conhecimento enciclopédico.

Os estudos de Regina Zilberman em *Leitura: por que a interdisciplinaridade?*, capítulo do livro *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*, do qual é coordenadora, é de se constatar que na AJA:

[...] a leitura assume um perfil político, exprimindo as possibilidades de o Estado se comprometer com as necessidades sociais, a que responde agindo

na direção da transformação coletiva ou dando vazão a uma atitude paternalista e compensatória (ZILBERMAN, 1998 p15).

Segundo a leitura de alguns autores como Ehrlich, Griffiths e Wells, Mary A. Kato, em artigo publicado no livro o qual coordena, *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*, chama-nos atenção para dois aspectos:

1. A extensão geográfica do País e sua heterogeneidade em termos de desenvolvimento sócio-econômico-educacional deverão refletir-se em diversos quadros, desde aquele da sociedade oral (para as zonas rurais analfabetas) até um quadro muito próximo ao das nações altamente letradas. 2. As regiões urbanas deverão ter sua estratificação social refletida no seu quadro de uso da língua escrita, mostrando uma variação semelhante àquela encontrada na evolução histórica e na variação regional (KATO, 2004. p39)

Em capítulo do livro *Leitura: perspectivas interdisciplinares, AS condições sociais da leitura*, Magda Soares nos mostra esse lado sócio-interacionista da linguagem, pois, para ela:

é interação verbal entre indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; entre os dois enunciação. (SOARES, 1998. p18)

Outras noções teóricas também são aqui pertinentes, como o método de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire, por outro lado, tais referenciais aparecem nas análises do *corpus* anteriormente apresentado.

3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA AJA

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam o Nordeste como possuindo o maior número de matriculados em programas governamentais relacionados à alfabetização de jovens e adultos, devido ao fato de a região possuir o maior índice de analfabetismo do Brasil. O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), pertencente ao Ministério da Educação, mobiliza, desde 2003, jovens, adultos e idosos ao interesse pela escolarização, no intuito de melhorar o acesso à cidadania e no que diz respeito, principalmente, aos direitos do cidadão, mostrando, assim, uma nova posição política em relação à educação brasileira.

Regionalmente, o Nordeste, onde se concentrava mais da metade dos analfabetos do país (7,5 milhões), de acordo com a Pnad 2007, apresentou o maior número de participantes de AJA (1,3 milhões de pessoas). Apresentaram menores números de participantes de AJA as regiões Sul (265 mil pessoas), Centro-Oeste (125 mil) e Norte (169 mil). Dos motivos

apontados por aquelas pessoas que frequentavam ou frequentaram anteriormente curso de Alfabetização de Jovens e Adultos predominou o objetivo de aprender a ler e escrever (66,0%). Os demais motivos apontados foram: retomar os estudos (21,8%), conseguir melhores oportunidades de trabalho (7,9%), e outros motivos (4,3%). Dentre aquelas pessoas que apontaram como principal motivo aprender a ler e escrever, os maiores percentuais observados foram no Norte (75,1%), no Nordeste (75,0%). (IBGE, 2009)

Por outro lado, não é somente pelo viés quantitativo que tal processo de inclusão deve seguir. A proposta inicial do programa é levar uma educação escolarizada de qualidade à população que nunca a teve, a partir da mobilização de professores da rede pública ou qualquer pessoa que possua o ensino médio completo. Então, fica a interrogação: seriam esses professores pessoas pedagogicamente capacitadas para tal prática, mesmo àqueles licenciados ou, até mesmo, em processo ou não de licenciamento? Tendo em vista que o PBA abrange várias regiões do país, optou-se por um recorte que se considerou significativo devido à problemática evidenciada nas análises para, assim, obter-se uma explicação do fato questionado.

Em função dessa realidade, a Secretaria de Estado da Educação de Sergipe implantou o Programa Sergipe Alfabetizado com o propósito de reduzir as taxas de analfabetismo no Estado, por meio de uma metodologia diversificada, visando atender a população pouco ou não alfabetizada de diferentes segmentos sociais que estejam em situação de exclusão ou de extrema vulnerabilidade social, a exemplo de: detentos, catadores de material reciclável, pescadores, quilombolas, comunidades indígenas, trabalhadores da construção civil, trabalhadores rurais, assentados do programa de reforma agrária, grupos de economia solidária, beneficiários do Programa Bolsa Família, dentre outros. (Dados divulgados no site Portal de Sergipe)

Em Feira Nova, segundo dados do IBGE em 2007, foi constatado que a população analfabeta entre 10 e acima de 15 anos equivaleria a 1.386 habitantes aproximadamente. Diante desta realidade, o programa Sergipe Alfabetizado (SA) vem atuando na região, seguindo a quantificação de resultados.

O Sergipe Alfabetizado prevê a contratação de professores da rede pública ou qualquer outra pessoa que possua o ensino médio completo para atuação no programa. Cinco professores que atuaram no programa no período de junho a dezembro de 2009 foram selecionados de acordo com o nível de escolarização. Com isso, tende-se a uma visão qualitativa progressiva desses profissionais. A fim de suscitar a qualificação dos professores de alfabetização de jovens e adultos, foi distribuído para cada um dos cinco docentes um questionário (que aparecerá nas análises posteriores) respondido pelos professores e que será

analisado tendo em vista o objeto em questão de cada resposta^{vi}. Levando em consideração a *corporeificação da palavra pelo exemplo* (FREIRE, 2002), as respostas se tornam exemplificantes dos processos pedagógicos. E, para melhor visualização das mesmas, optou-se por construir quadros de apresentação. Neles, acrescentou-se uma área destinada a comentários, resumindo e/ou trazendo argumentações sobre cada resposta.

Para se ter uma visão inicial dos professores, foi preferível aglutinar o primeiro questionamento a Tabela I (abaixo), que apresenta alguns dados sobre os professores. De início, pode-se perceber a variedade de formações.

TABELA I

DADOS DOS PROFESSORES

ALFABETIZADOR	FORMAÇÃO	IDADE	SEXO
Professor 1	Ensino Médio Completo	21 anos	Feminino
Professor 2	Ensino Médio Completo e Magistério concluído	23 anos	Feminino
Professor 3	Nível Superior incompleto (5º Período de Pedagogia)	19 anos	Feminino
Professor 4	Superior em andamento	23 anos	Masculino
Professor 5	Ensino médio completo (magistério) e cursando o 2ª período do superior em Letras/Português.	31 anos	Feminino

O segundo questionamento está diretamente ligado a um dos focos principais de análise, os conhecimentos lingüísticos que, como afirma Marcelino Poersch no artigo *Pode-se alfabetizar sem os conhecimentos linguísticos*, são conhecimentos que tornam o trabalho do professor mais eficiente (POERSCH, 1986. p.11), ou até mesmo como Cagliari (2005) que, abordando as séries da escola, comenta que a alfabetização deve seguir esta perspectiva funcionalista dos conhecimentos lingüísticos, em que a língua deve ser vista no âmbito da Pragmática^{vii} do dia-a-dia. O professor não precisa ser um *expert* no assunto, pois:

O uso da linguística no ensino de português tem de ser planejado em conjunto por linguistas e professores de português, com a colaboração de pedagogias, psicologias etc. O linguista vai dar o conteúdo e as técnicas de investigação, o professor e os demais colaboradores do processo escolar vão dosar o ensino, programá-lo na sequência conveniente e buscar motivações para o aluno estudar português. (CAGLIARI, 2005, p. 41)

QUADRO I

2 - Diante de palestras ou capacitações que contribuíram para sua formação como alfabetizador (a), como você entende a importância dos conhecimentos lingüísticos que aplica no processo de alfabetização?		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	É entendido com base, até mesmo porque é por meio do alfabeto e demais coisas escritas que se compreendem os processos lingüísticos.	Para o docente, a linguagem aqui é entendida como um processo lingüístico compreendido apenas no âmbito da escrita.
Professor 2	A importância dos conhecimentos lingüísticos é entendida claramente nas capacitações como um processo curto para os alfabetizados, mas com muita aprendizagem e objetividade.	Para o docente, os conhecimentos lingüísticos implicam num processo de curta importância para os alfabetizados.
Professor 3	Mediante tais capacitações torna-se explícita a	O docente aparenta saber a importância das teorias

	maneira decorativa a qual os professores transmitem os métodos a serem aplicados, eles se preocupam com a prática e acabam, de certa forma, desprezando a teoria, que é a responsável pelo bom desenvolvimento das atividades. Quanto aos conhecimentos lingüísticos, tentam explicar com clareza, no entanto, avançam excessivamente, esquecendo qual é o público alvo.	lingüísticas para a alfabetização, no âmbito da escrita.
Professor 4	Como um enriquecimento dos meus conhecimentos.	O professor mostra mínimo conhecimento
Professor 5	Os conhecimentos são de grande importância no processo de alfabetizar.	O professor mostra mínimo conhecimento

De acordo com o QUADRO I, esse modo de conceber a Linguística como o ensino da escrita, ou melhor, alfabeto (como sendo esse *processo curto*), gera um grande problema, pois quando se focaliza a escrita a partir da língua (sistema – gramática normativa), segundo Koch (2010, p.33), observa-se um sujeito “(pré)determinado pelo sistema”, tendo em vista que o texto é puro simplesmente entendido como processo de (de)codificação de informações em grande nível transparência em que nada ocorre fora na linearidade gráfica. Logo, pensar lingüística, nesse caso, é pensar em estrutura^{viii} e não em interação sociocomunicativa^{ix}. Portanto, o professor alfabetizador deve entender também essa funcionalidade da língua.

O segundo questionamento está relacionado às concepções teóricas que embasam a prática pedagógica dos professores da AJA selecionados, tendo em vista que esse conhecimento, também para o nível de ensino em questão, é um dos pilares para a formação de professores eficientes.

QUADRO II

3 – Comente e destaque algumas concepções teóricas que embasam a sua prática na alfabetização.		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Paródia, músicas ...	O Professor não segue conscientemente nenhuma concepção teórica.
Professor 2	O desânimo dos alfabetizandos; a dificuldade com a leitura e a escrita; a falta de alunos em sala de aula.	Concepção teórica é sinonímia de problemas cotidianos em sala.
Professor 3	Costumo embasar as práticas pedagógicas nas concepções teóricas do grande teórico, escritor, educador, Paulo Freire, acreditando, assim como ele, na riqueza do conhecimento de mundo que todo ser humano possui, independente do seu grau de escolaridade.	Para o docente, segue conscientemente uma concepção teórica pedagógica. Aliás, uma das mais importantes concepções para a AJA.
Professor 4	Vontade, prazer e amor pelo que faz.	Para o docente, concepção teórica é sinonímia de pré-requisitos que se espera do professor.
Professor 5	Bom, para alfabetizar não tem receita pronta, cada um usa o método que lhe convém melhor e que tenham bons resultados.	O docente não consegue descrever sua concepção.

Analisando as respostas do questionamento do QUADRO II, é nítido que os professores não seguem, no geral e conscientemente, uma concepção teórica: consciência que pode ser obtida e mais bem abalizada com o profundo conhecimento dos *saberes necessários à prática educativa*, e que, no geral, pode ser resumida pela *seriedade docente e afetividade*

nas relações professor-aluno (FREIRE, 2002 p.159). Esses dois aspectos do *ensinar* também são evidenciados no quarto questionamento.

A análise do QUADRO III abre espaço para um recurso linguístico muito utilizado, os gêneros textuais, e que se encontram e são utilizados muitas vezes inconscientes em nossa vida diária (MARCUSCHI, 2008 p.155). Por outro lado, revela uma realidade que vem sendo construída desde os questionamentos anteriores e que é fortemente atacada pelo PCN de Língua Portuguesa: a de que é comum associar o ensino de Língua Materna a dois estágios, no primeiro, a alfabetização, e o segundo, o estudo da língua propriamente dita, em que durante o primeiro se ensinaria o sistema alfabético e algumas convenções ortográficas, e isso já garantiria a capacidade de codificar e decodificar textos, e no segundo temos: gramática, ortografia e redação. O professor, não só no nosso caso, o alfabetizador de AJA, deve revisar essa metodologia, principalmente no que diz respeito ao primeiro estágio.

QUADRO III

4 – Elabore um pequeno texto sobre os procedimentos e estratégias didáticas utilizadas diariamente em sala de aula no projeto. No caso de alunos especiais, quando há, qual o procedimento utilizado?		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Os processos didáticos são de melhores formas possíveis, se diagnóstica primeiro para saber o nível, depois iniciamos com as vogais, logo mais com o alfabeto ilustrado, utilizando de várias formas para melhor compreensão do alfabetizando, utilizamos metodologias variadas despertando o interesse do aluno, procurando superar as dificuldades deles	O docente procede em: processo de sondagem, depois vogais e alfabeto ilustrado.
Professor 2	Hoje, para escrever e ler tudo que você quiser é preciso conhecer todas as letras do alfabeto. As estratégias utilizadas diariamente e o alfabeto móvel, ilustrado, dinâmicas, paródias, versos e outros procedimentos metodológicos.	Para o docente, ser alfabetizado é conhecer o alfabeto. Gêneros textuais
Professor 3	Não existe receita pronta, nem métodos completamente eficazes para alfabetizar, entretanto, busca-se aproximar dificuldades e necessidades para tentar de maneira dinâmica com músicas, figuras ilustrativas, interpretação de texto oral para desenvolver o diálogo entre professor e o aluno, fazendo com que os educadores passem confiança e segurança para seus educandos, para assim tentar amenizar, quem sabe até exterminar, demais obstáculos que são encontrados diante dessa delicada “missão”.	O docente trabalha Gêneros textuais e possui relações afetivas em sala.
Professor 4	Uma alto-estima quando inicia a aula para que os alunos fiquem alegres e sintam-se com segurança, porque se o educador chegar triste o aluno vai desistir de estudar. Portanto use sempre as palavras mágicas: bom dia, com licença, por favor, obrigado, muita atenção para aquele aluno.	Para o docente, as relações afetivas são cruciais para as práticas.
Professor 5	Diariamente, tem que se dedicar ao máximo, procurar inovar a cada dia com, dinâmicas, aulas bem criativas e descontraídas.	Para o docente, o importante é a interação em sala

Ser alfabetizado é conhecer o alfabeto e a relação afetiva entre alfabetizador e alfabetizando é uma máxima que facilita o aprendizado desse conhecimento. Isto é o que, no

geral, podemos absorver das respostas dadas no QUADRO III. Sobre a afetividade já evidenciamos sua importância, por outro lado, no tocante ao conhecimento do alfabeto vale ressaltar mais uma vez que “a conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita” (PCN LP, pp.33-34), em resumo, sabe-se as letras mas não organizá-las. A diversidade textual (oral e escrita) existente fora da escola deve estar a serviço do conhecimento do aluno letrado.

Por isso, as práticas pedagógicas devem se ajustar à Gramática Internalizada dos alunos, pois assim o professor ficará mais bem ajustado “a informação oferecida às condições de interpretação em cada momento do processo” (PCN LP, pp.35). O professor de Língua Portuguesa tem agora um novo papel, o de não mais coloca o aluno como somente codificador e decodificador de textos (norma padrão), mas como um participante de ações e reflexões próprias.

Antes de iniciarmos qualquer análise e julgamento das respostas do questionamento do QUADRO IV, será importante distinguir dois conceitos fundamentais para formação docente: a alfabetização que é entendida como o conhecimento das letras, assim, é também apenas um meio para o letramento, que poderíamos resumir no uso social da leitura e da escrita. *Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade* (Paulo Freire, 2001- p.22).

QUADRO IV

5 – Fazendo a distinção entre ambos os conceitos, qual seria a importância da alfabetização e do letramento para os alunos?		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Seria melhor compreensão no mundo em que vivemos em diferentes conceitos.	Para o docente, o conceito serve para melhor compreensão do mundo
Professor 2	A importância da alfabetização e do letramento é ensinar a ler e escrever.	Para o docente, não há distinção entre os dois termos.
Professor 3	Alfabetização é conseguir escrever e ler o que está escrito, já letramento é o entendimento do que foi lido e escrito. Diante dessa definição a maior importância para o educando é perceber o quanto é satisfatório ter a sua própria interpretação e compreensão, perante as palavras escritas e lidas por eles.	Para o docente, alfabetização é processo, enquanto letramento é entendimento do processo.
Professor 4	Para aprender a fazer o nome e saber ler	Para o docente, não há distinção entre os dois termos.
Professor 5	Todos os dois conceitos são bastante importantes, para cada um deles.	Para o docente, não há distinção entre os dois termos, mas aponta que há interação entre ambos.

No geral, não há uma distinção nítida entre as duas concepções, o que prejudica a prática docente, pois, seguindo o pensamento de Paulo Freire, não seria possível ativar e reconhecer o conhecimento de mundo do alfabetizando, principalmente na AJA, em que ele

vivência a dinâmica da língua. É importante salientar que o material didático, alvo dos próximos questionamentos, aborda em seu manual docente tais concepções.

Optamos por unir o sexto, sétimo, oitavo e nono questionamentos, já que abordam, direta e indiretamente, o livro didático. Agora o veremos sob a perspectiva dos professores de AJA, tendo em vista que o modo de utilização de tal material é oriundo do tipo de formação docente.

QUADRO V

6 – Que você pensa sobre o material adotado pelo programa?		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Bom, mais com suas exceções, precisando então ser enriquecido pelo professor.	Para o docente, o material não é suficiente. Por isso, o professor busca outros.
Professor 2	De nível muito alto para quem nunca foi a uma escola.	Para o docente, o material é inadequado.
Professor 3	O material adotado pelo programa é de pouca utilidade, por isso, busco em outros livros conteúdos que estejam ao nível de conhecimento dos alfabetizando.	Para o docente, o material é de pouca utilidade, o professor busca outros.
Professor 4	Deveria melhorar muito, porque não é suficiente	Para o docente, o material não é suficiente.
Professor 5	Acho que o material é um pouco complexo para os alunos que não são alfabetizados.	Para o docente, o material é inadequado.
7 – Descreva o modo como você utiliza os conteúdos do livro didático adotado para a alfabetização.		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	De forma fluente para que ele vá além da conta.	
Professor 2	Visando muitas dinâmicas, exposições de cartaz, lendo muitos versos, paródias etc.	O professor utiliza as dinâmicas do material
Professor 3	As poucas vezes que o utilizo é simplesmente para retirar palavras e as letras que ficam em anexo para a formação de novas palavras.	O professor utiliza as dinâmicas do material
Professor 4	Com pesquisa em outros livros e até internet.	
Professor 5	Fazendo colagens de palavras, junção d silabas com materiais concretos, dinâmicas do jogo da velha, acróstico etc.	O professor utiliza as dinâmicas do material
8 - Seria possível a utilização de outros materiais? Se afirmativo, explique sua resposta.		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Sim, para enriquecer a aula e por conta do nível deles que nunca é igual.	Sim, o docente utiliza.
Professor 2	Sim, pois sempre é importante adquirir novos conhecimentos.	Sim, o docente utiliza para conhecer outros.
Professor 3	Sim. Até porque o material adotado na maioria das vezes não atende às necessidades dos alunos.	Sim, para o docente, pois o material é insuficiente.
Professor 4	Sim, jornal, revistas, internet, livros diferentes etc.	Sim, o docente utiliza gêneros textuais.
Professor 5	Sim, trabalhar com mais materiais concretos.	Sim, o docente utiliza materiais concretos.
9 – No decorrer do programa, como se dá a relação entre os alunos e o livro didático adotado? (Por exemplo, eles reclamam? Acham desnecessário? Etc.)		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	Não, eles não reclamam, chegam ao ponto até de querer usar mais o livro do que o quadro.	Para o docente, os alunos querem usar mais o livro.
Professor 2	Os alfabetizando reclamam, pois acham muito avançado para o nível deles.	Para o docente, os alunos acham inadequado.
Professor 3	Muitos reclamam e acham até desnecessário, por isso buscamos outros materiais para serem estudados e analisados.	Para o docente, os alunos desnecessário.
Professor 4	Eles reclamam muito.	Para o docente, os alunos não gostam.
Professor 5	Com alguns materiais eles reclamam sim, acham difícil.	Para o docente, os alunos acham difícil.

A partir da observação do QUADRO V, é evidente que, no geral, os professores não usam muito o material didático, pois o acham inadequado e insuficiente para os alunos, descrevem apenas as dinâmicas contidas no livro didático que mal utilizam em sala, pois acreditam em sua insuficiência, por isso o complementam com outros textos, enquanto isso, os alunos, segundo os docentes, concordam com o posicionamento docente em relação ao material.

A abordagem do livro valoriza a utilização de gêneros textuais o que promove articular leitura e escrita de textos a partir de gêneros próximos da realidade discente, porém, a própria avaliação do PNLA de 2008, no qual o livro se encontra, mostra que *o trabalho com leitura e produção de textos não contribui efetivamente para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à formação do leitor e escritor*. Seria esse um conhecimento de lingüística aplicada inconsciente aos professores? Outro trabalho voltado efetivamente para essa questão pode dar conta dessa resposta, aqui, fica apenas a interrogação.

O ultimo questionamento nos não só um espaço para discutir a tratamento metodológico no ensino da leitura e escrita, como de problemas extralingüísticos que atrapalham todo o processo se não resolvidos.

QUADRO 6

10 – Descreva como se dá o trabalho de leitura e escrita e os principais problemas encontrados.		
ALFABETIZADOR	RESPOSTAS	COMENTÁRIO/RESUMO-RESPOSTA
Professor 1	É um pouco trabalhoso até chegar esse resultado, às vezes, eles reclamam por não enxergar tão bem, às vezes, acham que não vai conseguir mais quando e eles nem percebem já estão juntando let4ras e sons.	Há pelos alunos dificuldade com a visão, escrever é relacionar letras à sons.
Professor 2	O trabalho de leitura e de escrita é a maior dificuldade dos alfabetizandos, o professor deve estimular e incentivar cada conquista do seu alunado.	Para o docente, o processo de alfabetização é lento.
Professor 3	É um trabalho bastante delicado que exige muita paciência e dedicação tanto dos alfabetizadores quanto dos alfabetizandos, porém como em toda profissão, os problemas não estão imunes e aparecem devido às necessidades encontradas, nesse caso são: cansaço físico e mental, o desinteresse pelos estudos, problemas de visão, dentre outros que prejudicam o desempenho de ambos. A escassez de material também atrapalha o que requer maior criatividade do professor, diante do que tem ao nosso alcance, fazendo ditado de palavras, recorte e cola, leitura de imagens e buscamos elevar a auto-estima e assim os avaliamos	“cansaço físico e mental, o desinteresse pelos estudos, problemas de visão. A escassez de material também atrapalha. Ditado de palavras, recorte e cola, leitura de imagens”. Estes são os principais problemas.
Professor 4	Muito difícil e lento, sempre com paciência, porque alguns alunos não conhecem as letras e também não escrevem direito , cortando letras.	Para o docente, o processo é lento, “cortando letras”, (parece que o professor quer que o aluno já chegue sabendo)
Professor 5	O trabalho de leitura e escrita basicamente é bastante difícil e principalmente a leitura é uns dos maiores problemas encontrados.	

Considerando que se trata de alunos que possuem grande vivência, e ao mesmo tempo uma rica e diversificada bagagem cultural, na maioria dos casos, problemas de visão e audição (possivelmente sinais da velhice), cansaço físico (já que se trata de uma região economicamente rural) dentre outros problemas que o professores deveriam estar atentos, principalmente como os de Feira Nova, já que as aulas foram realizadas no período noturno de segunda a quinta, das 19:00h às 21:00h. Sendo assim, na prática de leitura e escrita, visão, audição e disposição física também são fundamentais, sem elas o processo não flui de maneira satisfatória, tendo em vista os objetivos do programa. Sobre essa prática, colocando-a aos métodos da AJA, Zilberman afirma que:

[...] colocada na base da educação, a leitura pôde assumir de imediato o componente democratizante daquela; ao mesmo tempo, confundiu-se com alfabetização, pois ler veio a significar igualmente a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele. O alfabetizar passou a exigir um profissional especializado, com a tarefa de tornar os signos da escrita inteligíveis à criança (ZILBERMAN, 1998. p13)

Diante da abordagem do questionário, convém lembrar a importância do grau de escolarização dos profissionais da AJA aqui citados, pois, se comparada a análise de cada resposta, pode-se constatar que o professor mais capacitado para o trabalho, mesmo precisando de alguns ajustes no que diz respeito principalmente a alguns conhecimentos lingüísticos, foi o *Professor 3*, ou seja, a graduanda do 5ª período do curso de Pedagogia. Então, pode-se considerar que a probabilidade de alcançar os objetivos da AJA é de um professor com maior formação. O fato se dá *porque, mais que o pesquisador, o professor está distanciado do volume de conhecimentos a respeito das concepções diferenciadas da leitura, dependendo, de um lado, da formação obtida — que é antes metodológica que teórica* (Zilberman, 1998. p.16).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto o fato de que o Nordeste é a região com o maior índice de analfabetismo do Brasil, fica claro que esse problema, que evidenciamos na cidade de Feira Nova, não deve ser solucionado tendo em vista a quantidade de alunos matriculados em programas governamentais de alfabetização como foi o caso do Sergipe Alfabetizado, pois isso acaba gerando um alto percentual de alfabetizados no Brasil, por outro lado, mal-alfabetizados. Logo, o processo de inclusão esperado pelo governo continuará formando excluídos.

Então, levar uma educação de qualidade à população que nunca a teve, deve partir do princípio de se investir em profissionais de qualidade, como comprovado com *Professor 5*, porém também naquilo que diz respeito ao conhecimento teórico(Linguística).

Por fim, precisa haver investimento em materiais que contemplem conhecimentos pedagógicos e lingüísticos, que tragam propostas mais adaptadas à realidade da AJA, como acontece no livro *Ponto de Encontro*, material que foi e é o suporte principal para o trabalho na AJA desde o ano passado. Portanto, reconhece-se que os conhecimentos de métodos de alfabetização tradicionais que esse tipo de docente traz acabam se sobrepondo a métodos contemporâneos para a AJA e, por isso, devem ser reavaliados.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental– Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10. ed. São Paulo : Scipione, 2005.
_____. **Alfabetizando sem o BA-bé-bi-bo-bu**. Luis Carlos Cagliari. 1º. ed. São Paulo : Scipione, 1999.

FARIA, Wilson de. **Aprendizagem e Planejamento de Ensino**. São Paulo: Ática, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo. 41ª ed.Cortez. 2001.
_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire.— São Paulo: Paz e Terra, 2002.—(Coleção Leitura)

GNERRE, Maurício. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

HAILER, Marco Antônio. **Ponto de Encontro: alfabetização de jovens e adultos**/ Marco Antônio Hailer, Karina Perez Guimarães. – I.ed. – São Paulo FTD, 2007.

[HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1375](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1375). Acesso em: 18 mai.2010.

[HTTP:ftp://ftp.fn-de.gov.br/web/resolucoes_2008/res050_04122008.pdf](http://ftp.fn-de.gov.br/web/resolucoes_2008/res050_04122008.pdf) . Acesso em: 18 mai.2010.

[HTTP://www.se.gov.br/index/leitura/id/47/Sergipe_Alfabetizado.htm](http://www.se.gov.br/index/leitura/id/47/Sergipe_Alfabetizado.htm). Acesso em: 18 mai.2010.

[HTTP://www.proex.ufu.br/formacaocontinuada/New/eixo1/E1_arquivos/alfabetizacao_letramento.pdf](http://www.proex.ufu.br/formacaocontinuada/New/eixo1/E1_arquivos/alfabetizacao_letramento.pdf). Acesso em: 18 mai.2010.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolingüística**. Série **fundamentos**. 7ª Ed. 5º Impressão. Editora Ática, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**/ Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais no ensino de Língua in **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

TASCA, Maria; POERSCH, José Marcelino. **Suportes lingüísticos para a alfabetização**/ Maria Tasca/ José Marcelino Poersch (Coord). — SAGRA, 1986. 136p. SPOERSCH, José Marcelino. *Pode-se alfabetizar sem os conhecimentos lingüísticos*.

ZILBERMAN, Regina, THEODORO DA SILVA, Ezequiel (Coord). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 5º Ed. 4ª impressão –São Paulo – Editora Ática, 1998.

ⁱ Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Aluno bolsista do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (2009-2010).

ⁱⁱ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Aluna bolsista do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (2009-2010).

ⁱⁱⁱ Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Aluno bolsista do PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (2009-2010).

^{iv} Aqui entendido como o isolamento das práticas pedagógicas em relação às interferências e contextos situacionais fora do domínio das instituições.

^v Ver Paulo Freire in A Importância do Ato de Ler.

^{vi} A redação de algumas respostas foi alterada por conter erros de ortografia, o que é pouco pertinente à proposta deste artigo. Mas se torna relevante enquanto dado.

^{vii} Ramo da Linguística que se volta para as circunstâncias e finalidades de utilização da linguagem em interações sociocomunicativas.

^{viii} Ver Saussure in Curso de Linguística Geral.

^{ix} Ver Bakhtin in Marxismo e Filosofia da Linguagem.